

# Contribuição da Corrente Sindical Esquerda Marxista à plenária estatutária da CUT

Como estímulo à discussão entre os militantes sindicais, o Boletim Foice & Martelo publicará semanalmente uma parte da contribuição da Corrente Sindical Esquerda Marxista inscrita na preparação da Plenária Estatutária Nacional da CUT, que ocorrerá em Guarulhos, São Paulo, de 28 de julho a 1º de agosto de 2014.

### Parte 1

No momento em que escrevemos esta contribuição, acabou a greve dos garis do Rio de Janeiro, com a vitória dos mesmos, contra a diretoria pelega do sindicato. A CUT do Rio emitiu uma nota se posicionando, onde esclarece a sua posição:

"(...) Primeiro é importante assinalar que nem a direção do sindicato dos trabalhadores da Comlurb nem o movimento de oposição que está à frente da greve têm quaisquer vínculos com a Central Única dos Trabalhadores. (...)

Rio de Janeiro, 06 de março de 2014. Direção da Central Única dos Trabalhadores - RJ".

Para os militantes que ajudaram a construir a CUT e viveram os seus áureos tempos, esta nota é um fiasco. Afinal, em qualquer greve que a categoria não estivesse bem representada pela sua direção, a CUT estava na oposição e organizava a greve!

Agora, a CUT não tem ligação nenhuma com a greve, nem com a direção, nem com a oposição!

Em tempos antigos, estaríamos

com carro de som e vários diretores de diferentes entidades ajudando a greve. Em tempos antigos, estaríamos com o carro de som e militantes desancando o prefeito e exigindo o atendimento das reivindicações. Sejamos claros, agora que a "marolinha" está virando um tsunami, não será a hora de retomar aos tempos antigos?

Este é o objetivo desta tese, propor um novo caminho que tire a CUT do marasmo e da colaboração de classes que a têm marcado nos últimos tempos.

### Mundo em ebulição

A situação política mundial encontra-se em um momento singular. A crise do capitalismo prossegue e aprofunda-se, jogando a conta nas costas da classe trabalhadora. As massas, de um país a outro, mostram sua força para resistir e lutar por um futuro.

O impasse do capitalismo encontra sua expressão em saltos súbitos na consciência das massas. Mudanças repentinas e agudas estão implícitas na situação e devemos estar preparados para elas. Em todos os lugares há uma raiva latente sob a superfície, que se expressa em explosões de massa em diversos países, como aconteceu nas jornadas de junho de 2013 e, agora, na greve dos garis, aqui no Brasil.

O capitalismo perde cada vez mais a capacidade de iludir os trabalhadores. O "sonho americano" acabou. Com a crise, a desigual-

dade tem aumentado, os ricos têm ficado mais ricos – com a indispensável ajuda do Estado – e os pobres, mais pobres.

Em nenhuma parte do mundo é possível garantir que exista estabilidade para os governos do capital. Mesmo onde havia aparente estabilidade, como no Brasil e na Turquia, tudo se transformou no contrário de uma hora para outra. Na Europa, o capitalismo não pode apresentar uma saída para a crise sem um longo e profundo ataque à classe trabalhadora. Nos EUA, vimos mobilizações de massas como há muito tempo não víamos.

O que estamos presenciando é o início da revolução mundial. Os acontecimentos em um país produzem um grande impacto na consciência de outros. Os modernos meios de comunicação permitem que os fatos sejam replicados com velocidade impressionante. A revolução está pulando barreiras de um país a outro, como se as velhas fronteiras não tivessem nenhum significado.

Estas mobilizações mostram a força dos trabalhadores.



### Quem somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos a ver com as organizações e agrupamentos ultraesquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, dedicam-se ao divisionismo e ao denunciamento inócuo e impotente. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

# Foice & Martelo

Boletim semanal da Esquerda Marxista - seção brasileira da Corrente Marxista Internacional. Número 39 - 26 de Março de 2014 - Preço R\$ 1,00

## 50 anos do golpe militar e as lições para a classe trabalhadora

**Bancos Fechados Até 2ª-Feira**  
Magalhães Pinto Lança Manifesto | Última Hora | General Mourão Exige Renúncia

**Expectativa e Intranquilidade em Todo o País**

# SUBLEVAÇÃO EM MINAS PARA DEPOR JANGO

**Jango:—O Golpe Está Condenado**

**BARRICADA E INVASÃO**

**Jair:—Máxima Energia Contra os Sublevados**

**MAZZILLI: AURO NÃO FALA EM NOME DO CONGRESSO (Pág. 4)**

Em 1º de Abril de 1964 era inaugurado um dos períodos mais sombrios da história do Brasil, a Ditadura Militar. Oficiais do Exército, Igreja Católica, burguesia e pequena burguesia, sob o comando do imperialismo norte-americano, organizaram e consumaram um golpe. Afogaram em tortura e sangue a luta da classe trabalhadora e da juventude.

O golpe de 64 no Brasil, bem como os diversos golpes e ditaduras implantadas por toda América Latina, tiveram como objetivo a defesa do capitalismo, o aumento da exploração da classe trabalhadora e o aprofundamento da submissão aos interesses imperialistas.

O envolvimento direto dos EUA nos golpes é amplamente conhecido, são fartos os documentos que comprovam isso. Em um deles, o embaixador estadunidense à época no Brasil, Lincoln Gordon, recomendava ao presidente Lyndon Johnson: "tanto eu quanto meus assessores acreditamos que nosso apoio deve ser dado (aos golpistas). Nossa influência deve ser exercida para ajudar a evitar um grande desastre aqui, que pode tornar o Brasil, a China dos anos 1960". Poucos dias antes do golpe, o embaixador escrevia telegramas confidenciais pedindo envio de dinheiro para "apoio encoberto aos comícios e manifestações de rua das forças pró-democracia, contra os comunistas, em apoio às forças armadas, aos grupos de estudantes amigos, Igreja e

A imprensa noticiava o golpe militar de 64



empresas". Pedia ainda o envio de petróleo e combustíveis para operações logísticas militares em terra e mar, além de armas.

**Antecedentes e o golpe**

O golpe foi precedido por uma importante ascensão da luta e das conquistas da classe trabalhadora.

Em 1961, Jânio Quadros assumiu a presidência do país, com uma campanha moralista contra a corrupção e um estilo canastrão. De fato, tomou algumas medidas nacionalistas. Sofreu grande pressão de setores da burguesia e, sete meses após sua posse, apresentou uma carta de renúncia pensando que criaria uma comoção popular e voltaria com plenos poderes. O Congresso acatou a renúncia, o povo não foi às ruas e Jânio capitulou sem combate. Deveria assumir então o vice-presidente, João Goulart (apelidado Jango). Naquela época o vice não era eleito na mesma chapa do candidato a presidente, mas de forma independente. Jango era filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de oposição a Jânio. Era tido pela burguesia e pelo imperialismo como de esquerda, mas, na verdade, apenas aspirava pequenas reformas nacionalistas.

A burguesia tramou para que Jango não assumisse. Teve início a "campanha da legalidade", na qual Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, ganhou destaque para garantir a posse do vice-presidente. Foi feito um acordo em que se criou o parlamentarismo no Brasil e, dessa forma, João Goulart foi empossado, mas com poderes limitados. Havia um grande temor da burguesia de que Jango cedesse às pressões do movimento camponês e operário.

Em 1962, realizou-se um plebiscito e o regime voltou a ser o presidencialismo. O PTB e o PCB

apoiaram o governo e a política de reformas, em colaboração com setores da burguesia. As pressões salariais e pela reforma agrária aumentaram, a inflação cresceu vertiginosamente, a alta dos preços e a sabotagem da economia gerou falta de produtos no mercado. As tensões aumentaram. Manifestações de estudantes e trabalhadores exigiam as reformas, os setores mais reacionários fustigavam o governo, acusando-o de comunista.

Em 13 de março de 1964, Jango e Brizola realizaram uma grande manifestação na Estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, e anunciaram as chamadas reformas de base, que previam a reforma agrária, uma nova Constituição e a nacionalização das refinarias estrangeiras de petróleo, bem como reformas na educação.

Jango, Brizola e o PCB, confiando na aliança com setores ditos progressistas da burguesia, sem mobilizar e organizar as massas, procurando as vias negociadas de bastidores, deixaram a porta aberta para a reação. A Igreja Católica realizou a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade. O Golpe já era inevitável. A esquerda, capitaneada pelo PCB, Brizola, Arraes e Jango, virou as costas aos movimentos e às lutas das massas. Ameaçou uma débil resistência, mas seu medo das massas e seu programa de colaboração de classes impediriam que a luta fosse às últimas consequências. Veio o golpe, comemorado pela grande mídia (O Globo, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo etc.) e abriu-se, assim, o mais longo período de terror na história do Brasil.

**A Ditadura e as lições para nossa luta**

A Ditadura Militar manteve-se no poder por 21 anos. Enduicida em 1968 pelo AI-5, acabou com o pouco de liberdade

existente, atou os sindicatos por meio de interventores e das leis herdadas de Getúlio, acabou com a liberdade de organização e manifestação. Declarou o fim dos partidos políticos e fechou o Congresso Nacional. Uma repressão física brutal, milhares de torturados, mortos e desaparecidos, além dos exilados. Proporcionou o aprofundamento da submissão aos interesses imperialistas e o aumento da exploração da classe trabalhadora.

A ditadura foi para a burguesia a tacada necessária para conter a luta de classes e preservar o capitalismo. Se, por um lado, a ditadura foi derrubada pela heroica luta da classe operária, por outro, ainda resta muito do entulho autoritário, como a Lei de Segurança Nacional. Além disso, o capitalismo está aí, explorando e oprimindo cotidianamente os trabalhadores do Brasil do mundo.

Hoje, um governo de colaboração de classes está novamente no poder, com o PT a sua frente – um partido construído pela classe trabalhadora, cuja independência foi sendo desnaturada e destruída por sua direção. O PT desorganiza e confunde os trabalhadores ao coligar-se com a burguesia e aplicar uma política de submissão aos interesses do capital. Ainda assim, as massas sentem-se fortes e capazes. Novas edições de Marchas da Família foram realizadas na semana passada resultando em um fiasco completo. No entanto, a burguesia afia suas garras, amplia a repressão e a criminalização. Nada está decidido, é preciso olhar para o passado e tirar as lições. Só uma política independente da classe trabalhadora pode abrir o caminho da vitória, da derrubada do capitalismo, esse sistema que suga o sangue da classe trabalhadora cotidianamente. Nossa arma é a organização e a luta independente pela revolução.

**Privatização, capitalismo e corrupção na Petrobras**

As manchetes de jornais alardeiam os "escândalos" da Petrobras, desde a compra de refinaria por um preço absurdo nos EUA até a suspeita de participação em corrupção na Holanda. Qual o significado disso?

Para entender todo este processo, comecemos olhando como é a Petrobras hoje, quem são seus donos e quais os interesses deles.

A União ainda mantém o controle da Petrobras por uma pequena fração, 0,5% das ações ordinárias (que têm direito a voto), e isso contando com as ações do BNDES. Porém, ela já é minoritária no conjunto. A União, o BNDES e o BNDESpar (empresa totalmente pertencente ao BNDES) detém apenas 46% das ações. O capital estrangeiro (ADR da Bolsa de Nova York

e ações no Bovespa em poder de estrangeiros) já possui 35% do capital social da empresa. O restante, pertence a outros acionistas.

O imperialismo está empalmando a estatal. Os trabalhadores não têm nenhum controle sobre ela. O Estado segue sendo capitalista e a corrupção é sua parte siamesa. Para acabar com ela, é preciso destruir o outro lado do monstro: a propriedade privada dos meios de produção.

Além disso, a dependência do país ao imperialismo coloca a maioria dos equipamentos de alta tecnologia que permitem a exploração em águas profundas – onde está a maior parte do petróleo brasileiro – nas mãos das grandes empresas de petróleo estrangeiras. As refinarias daqui foram construídas na década de 80,

estão obsoletas. Os seus lucros destinam-se, nas mãos da União, ao pagamento da dívida pública (ao invés de serem reinvestidos na empresa). A Petrobras está indo para o fundo do poço.

A burguesia exige mais privatizações, Dilma privatiza, mas ao mesmo tempo continua a usar o preço da gasolina como "ativo" para impedir um salto na inflação. Como sair dessa? Qual o caminho a seguir?

O PT deve lutar pela reestatização completa, expropriar as ações privadas, estabelecer o monopólio estatal do petróleo e gás. Deve utilizar a empresa para o desenvolvimento social e econômico do país. Colocá-la sob controle dos trabalhadores e planejar a economia. Mas, para isso, o PT, antes de tudo, deve romper com a burguesia.

**Público, Gratuito e para Todos**

**Chega de enrolação em Mauá! Tarifa zero já!**

Em Mauá, no ABC Paulista, o aumento da tarifa do ônibus concedido em 2012 pelo petista Oswaldo Dias e mantido pelo recém-eleito Donizete Braga, também petista, levou cerca de 2 mil jovens e trabalhadores a ocupar o centro da cidade, em janeiro de 2013.

A luta logo se espalhou por todo o ABC e foi o prelúdio das jornadas de junho em São Paulo, que logo contagiou todo o país. O recado das ruas ali foi claro: "Não queremos pagar por um serviço essencial como o transporte e, principalmente, por um serviço de péssima qualidade". Porém, os governos fingem ouvir o recado das ruas, não atendem as reivindicações e reprimem. Em Mauá, o governo municipal tem promovido plenárias sobre mobilidade urbana na cidade, mas a pergunta que fica é: qual a real efetividade delas?

A resposta é simples. Quando a juventude e os trabalhadores vão às ruas para dizer o que querem,

são calados pela repressão a mando do governo, ou ainda pela cooptação, realizada por meio de falsas participações. Dizem que estão ouvindo o povo, mas ao fim e ao cabo nenhum dos governos capitalistas ou a eles coligados pode atender as reivindicações. Seu objetivo é o lucro e não o bem estar da população.



Mauá na batalha pela tarifa zero

É correto o governo promover audiências públicas para ouvir a população e prestar contas do seu mandato. Entretanto, essas plenárias se balizam nos modelos

de orçamento participativo, conferências e conselhos. Métodos amplamente adotados pelos governos petistas para atrelar as entidades e os movimentos à prefeitura. Eles afastam a população da luta em defesa das reivindicações e contra os verdadeiros entraves, os interesses capitalistas, que direta ou indiretamente pautam todos os governos.

O Núcleo de Participação e Organização Popular do PT de Mauá (POP), um grupo de petistas que, mesmo com um governo do partido na cidade, não se furta de ir às ruas e lutar pelo que é justo, defende com garra a Tarifa Zero para os transportes públicos. A Esquerda Marxista saúda os companheiros pela iniciativa e os convida a unir esforços na formação de comitês de luta da campanha Público, Gratuito e para Todos: Transporte, Saúde e Educação! Abaixo a Repressão! Nossas bandeiras se completam. A unidade é a chave da vitória.

Expediente: Boletim Foice & Martelo - Órgão da Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (www.marxist.com).  
 Diretor responsável: Serge Goulart. Editor responsável: Wanderci Bueno. Jornalista responsável: Rafael Prata: MTB n° 40040/SP.  
 Sede Nacional: Rua Tabatinguera, 318 - Sé - Centro - São Paulo - SP - CEP: 01020-000  
 e-mail: contato@marxismo.org.br - Telefone: (11) 3101 8810.